

Previ perde R\$ 600 milhões na fusão AmBev-Interbrew

A Previ, que detém 8,89% do capital total da AmBev, está buscando, junto com investidores estrangeiros da companhia, maneira de forçar a redução das perdas impostas ao acionistas minoritários pela associação da cervejaria com a belga Interbrew. O fundo de pensão calcula em R\$ 600 milhões a desvalorização de seus papéis (14,7% de ações preferenciais e 0,47% de ordinárias), desde o dia 1º de março, antevéspera do anúncio oficial da associação entre Ambev e Interbrew.

— Queremos um tratamento mais equânime nos custos e ganhos — reclamou Luis Carlos Aguiar, diretor de Investimentos da Previ, fundo de previdência dos funcionários do Banco do Brasil. Ele vem mantendo contatos diários com investidores que compraram ações da AmBev na Bolsa de Nova York, os ADRs de nível 2. Somente ontem foram quatro. “Estamos trocando informações com o objetivo de defender nossos interesses”, comentou.

A associação entre as fabricantes de bebidas foi bastante criticada também pelo presidente da Previ, Sérgio Rosa, durante um seminário sobre fundos de pensão. “Este tipo de operação praticamente anula todo o esforço que a Bovespa tem feito para fortalecer o mercado de capitais”, afirmou. Ele observou que foram significativas as perdas tanto para os minoritários nacionais quanto para os estrangeiros, com desvalorização das ações preferenciais (sem direito a voto) em favor das ações ordinárias (votantes).

GRANDE INVESTIDOR TENDERÁ A SER MAIS SELETIVO

A consequência, segundo Rosa, será imediata: os grandes investidores tendem a ser mais seletivos nas participações das empresas, favorecendo as que têm maiores garantias aos minoritários. Aguiar, diretor da Previ, lembra que os minoritários formam 54% da base acionária da AmBev

CVM cobra mais pressão de fundos de pensão

JULIANA ROCHA

O superintendente da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), Suli da Gamma Fontaine, disse ontem que os fundos de pensão deveriam exercer pressão sobre empresas no mercado acionário para corrigir distorções como a valorização maior de ações ordinárias sobre preferenciais e impedir que os estatutos das empresas permitam que os acionistas minoritários tenham ganho menor que os majoritários. O presidente do fundo de pensão dos funcionários do Banco do Brasil (Previ), Sérgio Rosa, discordou desta opinião e cobrou da autarquia uma atitude pró-ativa para mudanças na legislação brasileira.

As distorções citadas por Fontaine ocorreram quando a AmBev anunciou a fusão com a cervejaria belga Interbrew. Houve desvalorização de 8,89% das ações preferenciais da empresa brasileira no dia do anúncio da fusão. Enquanto isso, os controladores da empresa tiveram suas ações valoriza-

das em 80%. Os acionistas minoritários, porém, receberão apenas 80% do valor pago aos controladores. A Previ é acionista minoritária da cervejaria brasileira.

— Os fundos de pensão têm que des-cruzar os braços para mudar práticas de mercado que a legislação não alcança, como as diferenças de cotação entre as ações ordinárias e preferenciais de uma empresa — disse Fontaine. “Os fundos de pensão têm poder de barganha para pressionar as empresas”, completou.

O superintendente da CVM disse, ainda, que a autarquia atua nos limites legais e não pode ultrapassá-los. Além disso, ele afirmou que a atuação dos investidores junto às companhias abertas seria mais eficiente e ágil que a mudança na legislação.

Sérgio Rosa, da Previ, admitiu que a instituição que preside já trabalhou junto a empresas para ajudar a modificar o estatuto societário, mas disse que é papel das autoridades atuar sobre a legislação do setor.

— Esse tipo de alegação me surpreende vindo da CVM. Naquilo que podemos, tentamos atuar junto às empresas, mas a CVM também deve ser pró-ativa — disse Rosa. “As autoridades precisam mostrar que há um aparato legal no Brasil, que existe preocupação de todos os agentes”, completou.

e o anúncio da operação pegou a todos de surpresa.

— A associação mudou o centro de decisão da companhia e toda a sua estratégia irá mudar, o que certamente causará impacto em sua lucratividade. A grande dúvida é como ficará agora a estratégia empresarial e corporativa da nova companhia — comentou.

A Previ, maior investidor privado do País,

com ativos avaliados em mais de R\$ 50 bilhões, não irá mexer em suas ações na AmBev, ao menos por enquanto. “Vamos ficar parados até que alguma coisa aconteça. Não somos ‘asset management’ (administradora de recursos), nosso perfil é de investimento de longo prazo. Mesmo com toda essa baixa (no valor das ações), a rentabilidade da AmBev ainda é semelhante à Selic, o que é bastante atraente”, diz Aguiar.